

Diana Silva

dianassdsilva@gmail.com

Contributo para a conservação preventiva da coleção do livro antigo da Biblioteca da Casa José Régio, em Vila do Conde

Resumo

Este artigo pretende partilhar, de forma sumária, parte do trabalho desenvolvido no âmbito do Mestrado em Museologia (MMUS) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), tendo como contexto a Casa de José Régio em Vila do Conde e como enfoque a coleção do livro antigo, do século XVI ao século XIX. O objetivo geral era contribuir para a sua conservação preventiva. Mais especificamente, pretendeu contribuir para a diminuição do risco de sua perda, através da revisão e atualização do seu inventário, bem como propor algumas soluções para outros contextos mais gerais de risco. Após breve enquadramento relativo à evolução dos materiais de suporte ao livro, indicam-se os principais agentes que podem contribuir para a sua deterioração. Considera-se o universo de amostra de estudo e a metodologia de trabalho assumida: a pesquisa documental, a pesquisa por inquérito, através de entrevista não formal, e o trabalho de campo. Por fim, apresentam-se os resultados do trabalho desenvolvido e sugerem-se procedimentos básicos de preservação.

Palavras-chave

Casa José Régio; Vila do Conde; Coleção de livros; Procedimentos de preservação.

Nota biográfica

Diana Silva é licenciada em Turismo pelo Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo (ISCET) e mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), tendo desenvolvido o projeto intitulado “Contributo Para a Conservação Preventiva dos Livros da Biblioteca da Casa Museu José Régio, em Vila do Conde”, sob a orientação da Prof. Doutora Paula Menino Homem e da Dra. Ivone pereira.

Tem trabalhado como guia turística para diversas agências de viagens e como monitora em várias exposições temporárias e em alguns museus, como o Museu da Farmácia do Porto. Atualmente é doutoranda em Museologia na FLUP.

Abstract

This article intends to share, in summary form, part of the work developed in the scope of the Master in Museology (MMUS) of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto (FLUP), having as context the José Régio's House in Vila do Conde and as a focus on antique book collection, from the 16th to the 19th century. The general objective was to contribute to its preventive conservation. More specifically, it intended to contribute to reducing the risk of its loss, by revising and updating its inventory, as well as proposing some solutions for other more general risk contexts. After a brief overview of the evolution of the support materials for the book, the main agents that can contribute to its deterioration are indicated. The universe of the study sample and the assumed work methodology are considered: documentary research, survey research, through non-formal interviews, and fieldwork. Finally, the results of the work developed are presented and basic preservation procedures are suggested.

Keywords

José Régio House; Vila do Conde; Collection of books; Preservation procedures.

Biographical note

Diana Silva has a degree in Tourism from the Higher Institute of Business and Tourism Sciences (ISCET) and a master's degree in Museology from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto (FLUP), having developed the project entitled “Contribution to the Preventive Conservation of Books at the Library of José Régio Museum House, in Vila do Conde”, under guidance of Paula Menino Homem and Ivone Pereira.

She has worked as a tour guide for several travel agencies and as a monitor in several temporary exhibitions and in some museums, such as the Pharmacy Museum of Porto. She is currently a PhD student in Museology at FLUP.

Introdução

Este texto baseia-se no trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de mestrado em Museologia (MMUS), tendo como contexto a Casa de José Régio em Vila do Conde (CJRVC) e como foco a coleção do livro antigo (Silva, 2018).

A CJRVC (Fig. 1), cuja construção data de finais do século XIX, é um edifício de 3 andares que integra o Museu de Vila do Conde. Não “é um espaço museológico de base, é antes de mais a residência que o poeta escolheu para habitar após a sua aposentação, refletindo a vontade do poeta, no modo e na forma como todos os objetos se encontram dispostos nos diferentes espaços” (Câmara Municipal de Vila do Conde, 2015).



Fig. 1 – Fachada da Casa de José Régio, em Vila do Conde (Câmara Municipal de Vila do Conde, 2015).

A exposição da CJRVC é de carácter permanente. No rés-do-chão, situa-se a sala de arte contemporânea e a loja. No 1º piso, encontra-se o quarto, o escritório e a biblioteca e no, último piso, dois quartos de hóspedes e uma sala de jantar. A casa possui ainda um jardim, onde existe um mirante e um edifício anexo com dois andares, cada um deles composto por uma única divisão.

O acervo inclui diversas coleções e inclui cerca de 7724 objetos. Desse universo, 6650 constituem a coleção documental. Desta, a maioria dos objetos já não se encontra na CJRVC, mas antes na Reserva do Centro da Memória de Vila do Conde (Pereira, 2017).

1. Objeto de estudo, objetivos e metodologia

Como objeto de estudo, selecionou-se a coleção do livro antigo, do século XVI ao século XIX, e por dois motivos: Por ser uma das coleções com o inventário mais incompleto, havendo inclusive livros que não constam do mesmo; Pelo facto de muitos livros se encontrarem em acentuado estado de deterioração, necessitando de proposta de intervenção que assegure a sua geral preservação.

Como universo de amostra, definiu-se um conjunto de 67 livros, acondicionados em algum mobiliário do escritório de José Régio, no 1º piso do edifício, mais concretamente na primeira gaveta da Papeleira D. João V e na segunda gaveta da Cómoda de Sacristia.

Os objetivos do estudo definiram-se em função dos motivos apontados, consistindo em: (i) Contribuir especificamente para a melhoria do inventário da coleção, diminuindo, assim, o risco de perda/dissociação; (ii) Contribuir, de forma mais geral, para a preservação da coleção, através de proposta de alguns procedimentos a adotar, tendo como suporte um exercício de identificação de evidências de dano, de forma a aferir quais as que apresentavam maior relevância e a definir as prioridades de intervenção, potencialmente de carácter de aplicação transversal a outros livros.

De forma a atingir tais propósitos, recorreu-se a uma revisão da literatura sobre os materiais que entram na composição dos livros, seus principais agentes de deterioração e evidências de dano, e sobre políticas e práticas de intervenção de preservação. Tal revisão decorreu previamente e em paralelo ao trabalho de campo desenvolvido.

O trabalho de campo implicou a recolha de informação, o mais completa possível, sobre cada livro específico, de modo a complementar

o inventário, para além do contacto direto com o universo de amostra de estudo e a sua inspeção, cuidada mas apenas à escala macroscópica, para identificação e registo das evidências de dano existentes. Complementarmente, desenvolveu-se uma inspeção aos espaços, também para sua caracterização. Tais atividades suportaram o exercício da proposta elaborada. Também de uma importância crucial, as informações recolhidas através do recurso a conversas informais com os funcionários da CJRVC e entrevista semiestruturada à diretora do Museu de Vila do Conde.

2. O livro. Materiais e técnicas de suporte à produção

2.1. Breve enquadramento histórico

Como é natural, ao longo dos tempos, tanto os materiais como as técnicas usadas na produção do livro foram evoluindo e sendo introduzidas modificações.

Muito sinteticamente, a partir de Persuy (1989) sabe-se que as evidências apontam para o aparecimento da escrita na Suméria, em 3500 a.C., e que se usavam placas de argila como seu suporte. Em 2500 a.C., conforme referem

Flieder e Duchein (1993), começou a utilizar-se o papiro, no Egito, que, a partir do século XII, foi sendo gradualmente substituído pelo pergaminho, feito a partir de peles de animais. Por sua vez, este foi sendo progressivamente substituído pelo papel.

Segundo Persuy (1989), o papel terá sido inventado na China por Cai Lun, em 105 d.C., mas o seu processo de produção terá sido mantido em segredo até às invasões muçulmanas, quando alguns prisioneiros o revelaram, durante o cárcere. Para Flieder e Duchein (1993), o papel foi introduzido na Europa entre o século X e o século XI, embora o pergaminho só tenha começado a ser substituído pelo papel a partir do século XIV. No século XVI, o velino já tinha sido quase totalmente substituído pelo papel.

Outros materiais entram na constituição do papel, como: (i) Os colorantes, orgânicos e inorgânicos, usados para dar cor ao papel. Segundo refere Brookfield (1993), os muçulmanos terão sido os primeiros a tingir os seus papéis, chegando mesmo a colorir-los salpicando-os com ouro ou prata. Não obstante, terão sido os chineses e os persas os primeiros a dominar a técnica do marmoreado; (ii) As cargas, que são materiais de origem mineral responsáveis pelo aumento da brancura e estabilidade do papel; (iii) Os produtos de colagem, que era feita com amido

ou gelatina até ao século XVIII e, desde aí, passou a ser maioritariamente feita com resina, sintética, na atualidade.

No que concerne a tintas utilizadas na escrita, sabe-se, através de Persuy (1989), que os mais antigos vestígios remontam ao Egito; a papiros de 2500 a.C.. Flieder e Duchein (1993) referem que, entre o século III e o século V d.C., produziu-se, na China, tinta com negro de fumo através da combustão de substâncias de origem vegetal ou animal. No século V d.C., começaram a ser produzidas tintas com noz-de-galha e vitriolo (um sal que contém ferro): as ferrogálicas (ou ferrogálicas). Só a partir do século XII, começaram a utilizar-se taninos vegetais e sulfato de ferro ou cobre para a produção deste género de tintas (metalogálicas). A sua produção seguia receitas bem definidas e, devido à facilidade da sua preparação e permanência no papel foi adotada na Europa e muito usada na Idade Média e no período Renascentista, especialmente, mas subsistiu até à primeira metade do século XX. Não obstante, as tintas metalogálicas são bastante ácidas, o que provoca a corrosão do papel (Kolar & Strlič, 2006).

Ainda através de Flieder e Duchein (1993), é possível saber-se que, em 1856, surgiu a tinta de alisarina e, em 1860, apareceram as tintas à

base de anilina, muito pouco estáveis à atmosfera e à luz.

Segue-se a impressão, que, conforme refere Brookfield (1993), foi inventada há mais de 1000 anos no Extremo Oriente, mas só no século XV foi adaptada para se usar com as escritas ocidentais. Para esta autora, o maior avanço da impressão terá sido o tipo móvel ocidental, que consistia em uma única letra, que poderia ser montada em palavras e usada diversas vezes. A primeira página impressa por este método foi feita por Johannes Gutenberg na Alemanha, por volta de 1450.

Componente muito importante no livro é também a encadernação, que, segundo Greenfield (1988), terá tido origem no Egito, onde as folhas eram cosidas usando a técnica de perfuração, sem grande precisão, porque a escrita estendia-se para além dos orifícios de costura. No século V, já há evidências (Persuy, 1989) da utilização de placas em madeira, que serviam de capas e evitavam que os cantos dos livros ficassem dobrados. Posteriormente, segundo Greenfield (1988), essas capas de madeira difundiram-se na Europa, onde foram usadas até ao século XVI, acabando por ser substituídas por capas de cartão, feitas inicialmente com cordame recuperado, molhado e prensado ou de papéis de desperdício, tornando a encadernação mais leve.

No que diz respeito ao papel das guardas para a encadernação, as técnicas de sua decoração são duas: a estampagem e o marmoreado, já anteriormente mencionado.

Persuy (1989) considera que a encadernação atingiu o auge da perfeição no século XV, começando a usar-se materiais como o ouro, cores fortes como o vermelho, azul, amarelo e castanho. No século XIX, iniciou-se o processo de industrialização da encadernação e a encadernação em caixa substituiu as anteriores, mantendo-se até aos dias de hoje. Conforme Greenfield (1988), atualmente as capas são feitas de papel de desperdício, pasta de madeira e outros materiais fibrosos, com pouca longevidade.

2.2. Principais agentes de deterioração

Sabe-se, através de Araújo (2010), que há dois grandes tipos de agentes causadores de dano nos livros. São eles: internos ou intrínsecos, que são inerentes ao material e só podem ser prevenidos na altura da conceção do livro; e os externos ou extrínsecos, que estão ligados ao meio ambiente em que o livro se encontra e são do tipo físico-químico ou biológico.

Segundo Flieder e Duchein (1993), os agentes biológicos são de origem vegetal ou animal, onde se incluem os de origem antropogénica. Os agentes do tipo físico-químicos tanto podem ser atmosféricos, como derivados de energia, ou circunstanciais. As alterações físicas são, tipicamente, produzidas pelas radiações, pela temperatura e pela humidade relativa (HR), enquanto as alterações químicas são devidas à poluição atmosférica. Não obstante, os mesmos autores alertam para o facto da radiação ultravioleta (UV) causar também oxidação da celulose, originando a despolimerização e rutura do papel e do couro, a alteração cromática das tintas, que pode manifestar-se através de desvanecimento. Thomson (1981) e Greenfield (1988) salientam que esta ação fotoquímica destrutiva continua mesmo no escuro, após terminada a exposição.

No que diz respeito à temperatura e HR, Thomson (1981) alerta para o facto de se influenciarem mutuamente e as suas oscilações, mesmo durante um período curto, provocarem uma dinâmica de contração e dilatação dos elementos que compõem o papel, que acaba por perder elasticidade, maleabilidade e resistência, além de facilitar o desenvolvimento de microrganismos do tipo fúngico, insetos e até roedores. Aconselha a manutenção de temperatura estável entre os 18° C e os 22° C e a HR a 55%.

Thomson (1981) alerta ainda para a poluição atmosférica, tal como Tétreault (2003), indicando que acelera a deterioração de documentos, por via da acidificação dos papéis e tecidos, da alteração das tintas e corrosão de elementos metálicos, como efeitos de maior relevo.

Os agentes biológicos também possuem uma grande capacidade de deterioração. Entre eles, destaca-se em primeiro lugar o homem, que, segundo Cassares (2009), muitas vezes mesmo bem-intencionado, desenvolve procedimentos de uma forma inadequada que culminam em danos irreversíveis. Outros agentes biológicos são os roedores, que se alimentam de papéis, colas, pergaminhos e couros e danificam num curto espaço de tempo e de forma irreparável, um documento. O mesmo se aplica aos insetos e aos microrganismos.

Os microrganismos podem ser do tipo fúngico, ou de tipo bactérias (Greenfield, 1988). Vivem em simbiose com outros organismos e segregam substâncias, que se difundem e interagem com os diferentes materiais. Para a autora, o ambiente ideal para a proliferação de colónias de microrganismos consiste numa HR de 65% e ausência de circulação de ar. Portanto, de forma a prevenir este cenário, será importante manter a temperatura abaixo dos 21° C, estabilizar a HR nos 50% e garantir uma boa circulação de ar.

No que concerne aos insetos, e de acordo com Florian (1997), os que causam estragos mais importantes nos livros podem ser das seguintes Ordens:

- *Thysanura*, como o *Lepisma Saccharina*, vulgarmente chamado de peixinho-de-prata, que afeta sobretudo as superfícies, quer das encadernações quer dos papéis;
- *Blattodea*, como as baratas e as térmitas, estas da subordem dos *Isoptera*, que vivem em locais sombrios, quentes e húmidos;
- *Psocoptera*, como os *Troctes Divinatorius*, vulgarmente chamados de piolhos dos livros, que se alimentam de colas e peles, mas também, segundo Greenfield (1988), de gomas e fungos;
- *Coleoptera*, da qual, segundo Homem (2016a), devem destacar-se algumas famílias, subfamílias e espécies:
 - *Dermestidae*, conhecidos por dermestest, atraídos particularmente por material orgânico de origem animal, como couro e pergaminho;
 - *Ptinidae*, com destaque para a subfamília dos *Anobiidae*.

Essencialmente xilófagos, alimentam-se de madeira, preferencialmente, e são chamados vulgarmente de carunchos. A autora destaca ainda a espécie *Anobium punctatum* como a mais comum e a que mais danos causa, quer aos documentos quer ao mobiliário em madeira onde possam estar quer, ainda, às estruturas de soalho ou teto dos espaços onde as coleções permaneçam;

- *Cerambycidae*, chamados de capricórnios, procuram especialmente madeira, na qual as larvas escavam galerias profundas.

Os insetos podem entrar nos edifícios através de janelas e portas mal calafetadas, fendas nas paredes e tetos, ou até pelos sistemas de ventilação. Segundo Cassares (2009), para subsistirem nos museus, os insetos necessitam de conforto ambiental, ou seja, temperaturas entre os 20° C e os 30° C, HR entre 60 e 80% e pouca circulação de ar e fontes de alimentação, que se obtêm também em locais com rotinas de limpeza de manutenção menos frequentes.

3. A coleção-amostra alvo de estudo

3.1. Contexto, caracterização e contributo para inventário

A amostra alvo de estudo não possui registo no sistema de gestão adotado pelo Museu de Vila do Conde; o *In Arte*. Existia apenas um registo simples numa Ficha de Recolha de Dados (FRD) em ficheiro *Excel*, considerando os seguintes três campos: Título; Nome do autor; Edição ou ano. Alguns livros, nem desses dados dispunham.

Durante o trabalho de campo, desenvolvido entre outubro de 2017 e maio de 2018, e no sentido de vir a contribuir também para futura migração de dados para o sistema de gestão *In Arte*, foram introduzidas algumas alterações na estrutura da FRD, considerando diferentes campos:

- Separou-se “Edição” do “Ano”, assumindo-os como distintos;
- Foram adicionados os seguintes: Local; Editora; Largura; Altura; Nº de Páginas; Materiais; Danos; e Estado de Conservação.

A cada livro foi atribuído um número, de 1 a 67, conforme a ordem pela qual foram sendo estudados e procedeu-se ao preenchimento da

FRD com a respetiva informação recolhida. Em termos de classificação por categoria de género, podemos ver, na Figura 2, os totais relativos a cada uma.

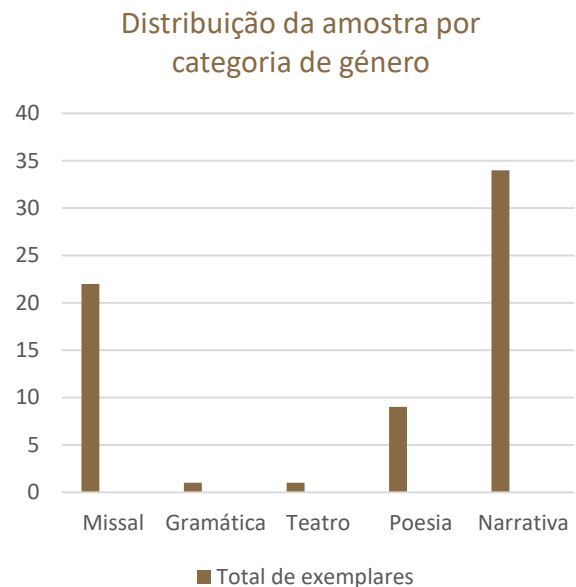


Fig. 2 – Gráfico de distribuição da amostra por categoria de género.

Pode constatar-se que 34 livros fazem parte da subcategoria género “Narrativa”. Inseridos no género “Missal” estão 22 livros. O género “Poesia” agrupa 9 livros e, com apenas um exemplar cada, os géneros “Teatro” e “Gramática”.

Relativamente ao período a que se referem, é possível verificar a sua distribuição na Figura 3.

Recorrendo ao gráfico, verifica-se que 30 livros datam do século XVIII, 23 do século XIX, 7 do século XVII, 1 do século XVI e 6 não têm

informação. Destes 6 livros que não têm informação podemos enumerar dois motivos: (i) O facto de não haver referência à data; (ii) O facto de a data estar ilegível devido ao estado de deterioração do livro.

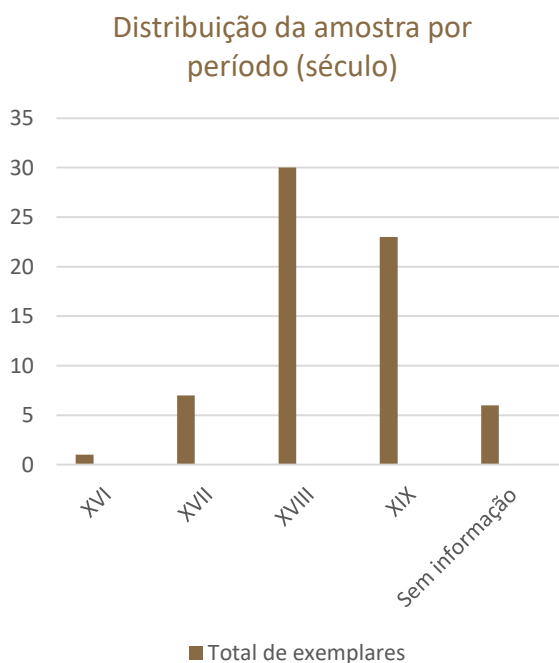


Fig. 3 – Gráfico de distribuição da amostra, por período (século).

Todos os livros tinham, no canto superior direito da página de rosto ou numa das primeiras páginas, um número atribuído pelo Museu. Além desta numeração feita a lápis, diversos livros continham um autocolante na capa, com uma outra numeração, também ela atribuída pelo museu.

Relativamente ao número de páginas, surgiram distintas situações. Em certos casos, o número de páginas escritas coincidia com o número de

páginas numeradas. Noutras situações, o número de páginas escritas era muito superior ao número de páginas numeradas e nesses casos, foi necessário contar as páginas escritas e somar com as numeradas para obter um total de páginas.

A encadernação dos livros é, por norma, feita em cartão revestido a couro ou a velino ou até, em certos casos, meia encadernação, com a parte da lombada revestida a couro e o resto do livro em papel marmoreado. Em alguns livros, a encadernação é só em pele, sem cartão ou outro qualquer material que lhe dê maior rigidez. Numa outra situação, a encadernação é feita em papel vegetal e, em alguns casos, a lombada é protegida com uma tira de tecido.

Registam-se encadernações com o couro tingido a vermelho, a amarelo, a castanho-escuro com *nuances* mais claras, ou castanho-claro com *nuances* mais escuras, e couro preto e branco. No que diz respeito às suas ornamentações, as mais vulgares são as decorações a folha de ouro, com arabescos ou florões.

Muitos dos livros a partir de finais do século XVII têm a lombada titulada a folha de ouro. Essa titulação tanto pode ser feita sobre um rótulo, em pele ou papel, colado posteriormente sobre a cabeça da lombada, ou diretamente sobre a lombada.

Há livros com os cortes a vermelho, preto, marmoreados ou até decorados a folha de ouro.

Existem livros com e sem segundas capas e livros com e sem guardas. Muitos livros têm só contraguardas de fantasia e outros têm contraguardas de fantasia e guardas brancas. O número de guardas também é variável.

Há livros que não têm costeados nem sinal. A espessura dos fólhos também varia de livro para livro e a cor das letras pode ser preta ou vermelha.

Ainda no âmbito do contributo para o inventário, foi importante confirmar se realmente estava correto em termos de número de livros. Na realidade, verificou-se que tal não acontecia.

No caso da papelreira D. João V, constavam do inventário 34 livros. Desses livros, 4 estão perdidos, 3 não faziam parte da coleção pois eram do século XX, e foi descoberto 1 livro que não constava do inventário e deverá ter sido ali guardado por engano. Assim, criou-se, na FRD, um novo campo para este livro, acrescentando-se os dados essenciais. Procurou-se localizar na Biblioteca os livros perdidos, mas sem sucesso.

No que diz respeito à Cómada de Sacristia, estavam 45 livros registados na FRD, sendo que

3 deles não pertenciam à coleção, por serem do século XX, e 1, que só tinha como informação o título e a data, não estava na cómoda. É muito difícil localizar um livro com tão exígua informação. O trabalho desenvolvido serviu, entre outros aspetos, para colmatar esta falha

3.2. Evidências de dano e estado de conservação

A partir de inspeção, à escala macroscópica, de cada exemplar do universo de amostra, foi possível identificar um conjunto de tipologias de dano e constatar a sua distribuição pelo conjunto, conforme se apresenta na Fig. 4.

Devido ao facto de não existirem registos prévios aos que foram desenvolvidos no trabalho de campo, é difícil determinar a altura ou o contexto em que ocorreram alguns danos.

O tipo de dano que tem mais expressão é o desgaste, evidenciado em 62 livros, resultante do seu uso, com uma extensão e intensidade diferenciadas em função de cada um.

Um grande número (60) de livros evidencia linhas de maré, o que se relacionará com a deposição de pó e com níveis elevados de HR.

Distribuição de tipos de evidências de dano detetadas na amostra

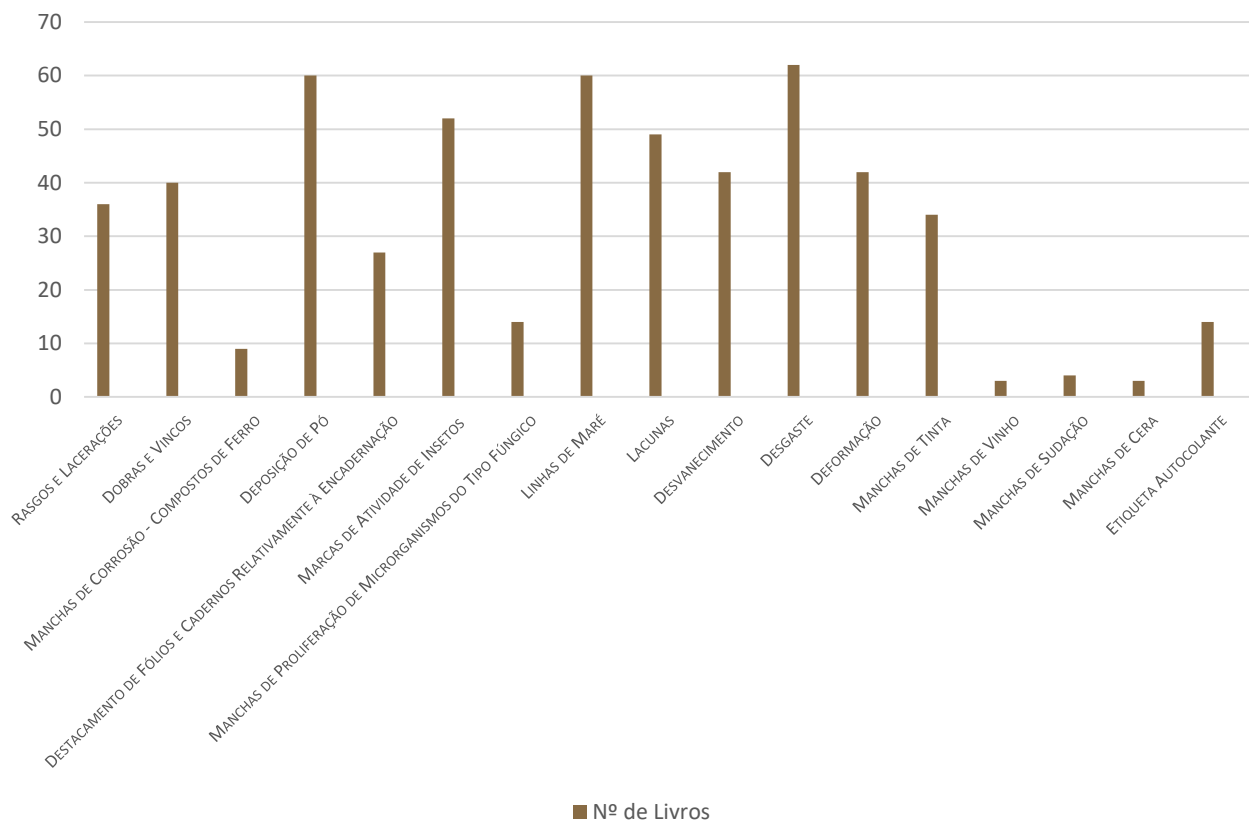


Fig. 4 – Gráfico de distribuição de tipo de evidências de dano detetadas da amostra.

Embora a CJRVC se encontre equipada com desumidificadores, diversos fatores, como a sua localização, perto do mar e do rio Ave, as portas e janelas serem mal calafetadas e algumas terem lacunas, os desumidificadores encherem rapidamente e nem sempre haver pessoal para esvaziar o depósito, e a ventilação não ser a mais ajustada dentro do mobiliário em que os livros se encontram, contribuem para esta realidade. Ressalva-se a possibilidade, de algumas marcas terem sido

formadas antes de integrarem a coleção do poeta.

Relativamente ao pó impregnado e outras sujidades, como diversos tipos de manchas, considera-se que este tipo de dano já será antigo, uma vez que se relaciona com o uso regular dos livros e dado que os livros se encontram acondicionados em gavetões fechados, portanto, ao abrigo da deposição de pó.

As condições ambientais, a natureza dos materiais de suporte à coleção e à estrutura arquitetónica, o tipo de ventilação (natural), as características e o estado de conservação das estruturas que permitem tal ventilação (portas e janelas) e a proximidade a um jardim constituem condições ideais para a presença e proliferação de insetos. Talvez por tudo isso, este é o quarto tipo de dano mais evidenciado, afetando 52 livros. Possivelmente, será um dano anterior às obras de restauro efetuadas na casa, pois, segundo Pereira (2017), em 2004 houve uma infestação de insetos xilófagos.

Foi possível registar a presença de excrementos de insetos em alguns livros. Num deles, para além dos sinais de extensa atividade de insetos, as páginas estavam coladas, havia muita sujidade e foi avistado um pequeno exemplar de *Lepisma Saccharina* a sair da área do fecho do miolo. Esse livro foi isolado dos outros e os funcionários do museu foram avisados do sucedido, para que tomassem as melhores providências.

A seguir aos danos causados por insetos, verifica-se que as lacunas surgem num lugar de destaque, com 49 livros afetados. Este risco está muitas vezes relacionado com a atividade de insetos, mas, em determinados casos, pode dever-se a manipulação incorreta dos livros, o que se considera poder ter ocorrido durante o seu uso, em vida do poeta.

Os danos que se seguem, em escala de manifestação, são a deformação e o desvanecimento, ambos identificados em 42 livros. A deformação relaciona-se, tipicamente, com fenómenos de dilatação por níveis altos de HR e pelo carácter higroscópico dos materiais, conduzindo a dilatações, que se manifestam na forma de papel ondulado e com maior volume. O desvanecimento é causado, entre outros fatores, pela luz e radiação UV. Considera-se que o desvanecimento será um dano já antigo, pois a CJRVC tem filtros de proteção UV e cortinas de pano-cru nas janelas e a iluminação no interior da casa é toda feita por LED, além de que os livros se encontram guardados numa gaveta, ao abrigo da luz.

O dano de tipo dobras e vincos afeta 40 livros. Há dobras que parecem ter resultado do manuseamento e ter sido feitas de forma propositada, para marcar o livro numa determinada página. Outras, principalmente nos cantos, têm a ver com os sistemas de acomodação. Também os rasgos e lacerações, que são evidentes em 36 livros, poderão ter sido provocados por manuseamento incorreto, em uso.

As manchas de tinta (verde, vermelha, azul, roxa ou preta) afetam 34 livros e incluem borrões de tinta derramada, riscos aleatórios, sublinhados e escritos.

O destacamento de fólhos e cadernos relativamente à encadernação afeta 27 livros e pode dever-se à má qualidade das costuras e à atividade de insetos. A proliferação de colónias de microrganismos do tipo fúngico é evidente em 14 livros, tanto nas encadernações em couro, como nos cortes e miolo.

A aplicação de etiqueta autocolante regista-se em 14 livros e foi feita por elementos da equipa da CJRVC, para sua identificação.

A corrosão de elementos metálicos, tipicamente em ferro, verifica-se nos fólhos de 9 livros e está muitas vezes relacionada com a presença de grampos ou cliques ou outros objetos de metal, em contacto com o livro.

As manchas de transpiração/sudação são visíveis no canto inferior direito de 4 livros. Serão danos resultantes do seu uso, tal como as manchas de pingos de cera e manchas de vinho, que afetam 3 livros.

Relativamente ao estado de conservação dos livros da amostra, apenas 12 se identificam em estado de conservação considerado razoável e com prioridade considerada moderada, em termos de intervenção. Com uma prioridade de intervenção urgente identificam-se 22 livros e 33 com uma prioridade de intervenção considerada extrema.

4. Proposta de procedimentos de preservação a adotar

Esta proposta está orientada, preferencialmente, para o universo de amostra estudado, mas também para todos os livros guardados nas mesmas condições, isto é, nas gavetas de móveis em exposição. Estes livros em nada contribuem para a exposição, pois não são visíveis para os visitantes nem estes podem abrir gavetas dos móveis e ter acesso a eles. Por esse facto e para melhoria das suas condições de preservação e valorização, sugere-se que sejam depositados no cofre do Arquivo Municipal do Centro de Memória – Museu de Vila do Conde, onde serão acondicionados num ambiente monitorizado e controlado e, a partir do qual, poderão integrar atividades de comunicação e educação.

Recomenda-se também que os livros classificados como de prioridade de intervenção urgente e extrema sejam intervencionados por conservadores-restauradores especializados, de forma a tentar minimizar certos danos. O livro onde foi avistado um exemplar de *Lepisma Saccharina* em plena atividade deverá ser sujeito a intervenção de desinfestação por anóxia com nitrogénio, tal como recomenda Homem (1997), assim como todos os outros que estiveram em contacto com ele e a própria

cómoda onde estava guardado. Em caso de impossibilidade, esta poderá ser desinfestada com biocida à base de permetrina.

Deverá proceder-se à verificação da eficácia dos filtros UV, colocados na CJRVC há mais de 10 anos, e repetir essa verificação de forma periódica. O controlo da abertura/fecho das cortinas em função da incidência da luz solar, evitando-a, é um procedimento a adotar de forma a gerir danos causados por foto-oxidação e a manter alguma estabilidade termohigrométrica.

No que concerne à HR, será benéfico adquirir desumidificadores de maior capacidade, ou assegurar recursos humanos para esvaziar mais frequentemente os depósitos. Desta forma evita-se que se desliguem automaticamente, reduzindo assim o risco de inundação e flutuações termohigrométricas decorrentes do seu ritmo de funcionamento irregular.

Será também importante rever os sistemas de isolamento do edifício, não deixando de garantir a necessária ventilação.

Existe uma estante com livros, no corredor entre o escritório e o quarto de Régio, que suscita especial preocupação. Para além de estar diretamente encostada à parede e em contacto com a humidade existente, fica em frente à janela com vista para o jardim, que se encontra bastante degradada, possuindo

inclusive uma fenda. Pelo contexto de elevado risco, quer ambiental quer relativamente à ação de insetos, propõe-se que os livros sejam retirados e a janela restaurada.

As restantes estantes devem ser afastadas das paredes cerca de alguns centímetros, principalmente aquelas que se encontram junto a paredes que dão para o exterior. Será, ainda, importante protegerem-se os livros das estantes, colocando-se nelas uma proteção frontal, por exemplo em película flexível de acrílico, o que reduziria o risco de deposição de pó.

No que concerne ao acondicionamento dos livros nas estantes, estes devem ser arrumados em pé e com o auxílio de dormentes ou separadores com o intuito de apoiá-los devidamente, deixando uma distância entre si, de forma a permitir ajustada manipulação, alguma ventilação, evitar o desgaste por abrasão e não provocar deformações. Se os livros forem grandes e pesados, o melhor será dispô-los na horizontal. Os livros são, por norma, arrumados com a goteira virada para o interior da prateleira e a lombada para o exterior. Portanto, quando se pretender remover um livro, deve ter-se cuidado para não o puxar pela lombada, pois isso danifica-a.

De forma muito sintética, são enumeradas algumas das sugestões simples e elementares

apresentadas, em sintonia com princípios defendidos por Homem (2013; 2016b):

1. Higiene e limpeza de espaços, mobiliário e coleção, a ser integrada em Plano de Manutenção para a Casa. Salienta-se que:

- O chão e os tapetes deverão ser aspirados, controlando-se o índice de sucção, de forma ajustada à frequência do espaço, ao número de visitantes e ao ritmo de deposição de partículas. Não deverão ser usadas vassouras;
- Todos os móveis deverão ser aspirados e limpos uma vez por semana, com um pano de microfibras ou de tipo *One Wipe*, retirando primeiro os objetos/livros;
- Os livros deverão ser aspirados e limpos uma vez por mês, tendo especial atenção ao corte da cabeça. O aspirador deverá ser de sucção regulável e possuir filtros de tipo *HEPA (High Efficiency Particulate Arrestance)*, que retém as partículas.

2. Manuseamento, acomodação e circulação de livros

- O manuseamento deverá ser feito sempre com as mãos protegidas com luvas de vinilo ou nitrilo, sem pó;

- Quando se colocar um livro sobre outro, deve sempre colocar-se uma proteção de natureza inerte entre eles;
- Os livros de maior tamanho devem ser transportados com as duas mãos, atendendo aos corretos pontos de apoio.

3. Marcação de livros

- Os livros não devem ser marcados com tinta;
- As etiquetas de marcação dos livros devem ser impressas em papel não ácido e devem conter cola solúvel em água;
- Não devem colar-se outros tipos de autocolantes nos livros, devido à composição química da cola e ao facto de causarem manchas.

4. Gestão da atividade de insetos, a ser integrada em Plano de Controle de Pragas

- Deverão ser instaladas armadilhas para deteção de populações e circuitos de entrada e circulação;
- Deverão ser estabelecidas rotinas de inspeção de espaços e coleções;
- Sempre que forem detetadas evidências de atividades de insetos nos livros, estes deverão ser isolados e enviado para desinfestação por anóxia

para o laboratório do Arquivo Municipal do Centro de Memória – Museu de Vila do Conde. O móvel onde o livro está acondicionado, deve ser desinfestado com recurso a biocidas com base em permetrinas.

Considerações finais

Os objetivos do trabalho desenvolvido em contexto da Casa de José Régio, em Vila do conde, e com enfoque em universo de amostra da coleção do livro antigo, eram contribuir para a melhoria do inventário pré-existente, de forma a minimizar o risco de perda, bem como, a partir do estudo das suas evidências de dano, propor algumas medidas mais gerais que contribuíssem para a sua preservação. Tais medidas poderiam ser de aplicação transversal aos restantes livros.

O trabalho baseou-se em revisão da literatura atendendo às temáticas de interesse, em trabalho de campo, em conversas informais com a equipa e em entrevista semiestruturada à responsável.

Considera-se que os objetivos foram atingidos. Não obstante, no que diz respeito ao inventário e devido à escassez de tempo, não foi possível investigar determinados aspetos, como, por

exemplo e entre outros, a proveniência dos livros, se foram adquiridos pelo poeta ou se lhe foram oferecidos e quem terão sido os antigos donos, para o caso de terem sido oferecidos ou comprados em alfarrabistas. Neste ponto, o contributo do trabalho ficou aquém do pretendido, pelo que o ideal seria que se desse continuidade a esta tarefa, de forma a tornar o inventário o mais completo possível e integrado, por migração dos dados, no sistema de gestão *In Arte*.

Agradecimentos

A autora expressa os seus agradecimentos à Prof. Doutora Paula Menino Homem, pela sua paciência, orientação, transmissão de conhecimentos e palavras de incentivo, à Dra. Ivone Pereira, Coordenadora do Museu de Vila do Conde, pela disponibilidade e simpatia do acolhimento e do acompanhamento, e a toda a equipa da Casa José Régio, pela amabilidade e auxílio em múltiplas situações.

Silva, D. (2020). Contributo para a conservação preventiva da coleção do livro antigo da Biblioteca da Casa José Régio, em Vila do Conde. In P. M. Homem, M. Monteiro & M. E. Oliveira (Eds.), *Ensaios e Práticas em Museologia* (Vol. 09, pp. 17-35). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/9789728932824/en9a2>

Referências

Araújo, D. (2010). *Introdução às Técnicas de Acondicionamento e Higienização de Livros Raros e Especiais: Atividades da Oficina de Conservação da Divisão de Coleções Especiais*. Belo Horizonte: Biblioteca Universitária.

Brookfield, K. (1993). *A Escrita, Enciclopédia Visual*. Lisboa: Editorial Verbo.

Câmara Municipal de Vila do Conde (2015). *Casa de José Régio*. Disponível em: <https://www.cm-viladoconde.pt/pages/503> (Consultado: 08/03/2017).

Cassares, N. (2000). *Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas*. Vol. 5. São Paulo: Imprensa Oficial, Arquivo do Estado.

Flieder, F. & Duchein, M. (1993). *Livros e Documentos de Arquivo, Preservação e Conservação*. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

Florian, M.-L. (1997). *Heritage Eaters: Insects and Fungi in Heritage Collections*. London: James & James.

Greenfield, J. (1988). *Como Cuidar, Encadernar e Reparar Livros*. Mem Martins: Edições CTOP.

Homem, P.M. (2016a). *Formas de vida! Formas de “morte” para o Património Cultural?*. Mestrado em Museologia. Riscos, Museus e Vulnerabilidades. Porto: FLUP-MMUS.

Homem, P.M. (2016b). *Sistemas de Gestão Integrada de Risco*. Mestrado em Museologia. Conservação Preventiva. Porto: FLUP-MMUS.

Homem, P. M. (2013). Conservação preventiva em contextos culturais. Recursos tecnológicos para gestão de risco ambiental; poluição. *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património. Homenagem a Armando Coelho Ferreira da Silva*, XII, 305-317.

Homem, P. M. (1997). *Pestes em Museus: Meios Alternativos de Controlo*. Porto: FLUP - DCTP/LabCR & Rentokil Initial Portuguesa.

Kolar, J. & Strlič, M. (2006). *Iron Gall Inks: On Manufacture Characterisation, Degradation and Stabilisation*. Ljubljana: National and University Library.

Silva, D. (2020). Contributo para a conservação preventiva da coleção do livro antigo da Biblioteca da Casa José Régio, em Vila do Conde. In P. M. Homem, M. Monteiro & M. E. Oliveira (Eds.), *Ensaaios e Práticas em Museologia* (Vol. 09, pp. 17-35). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/9789728932824/en9a2>

Pereira, I. (2017). *Informações Orais sobre a Casa José Régio*. Vila do Conde: Centro da Memória.

Persuy, A. (1985). *A Encadernação. Coleção Cultura e Tempos Livres*. 2ª Ed. Trad. de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença.

Silva, D. (2018). *Contributo Para a Conservação Preventiva dos Livros da Biblioteca da Casa Museu de José Régio em Vila do Conde*. Relatório de Projeto de Mestrado em Museologia. Porto: FLUP. Disponível em: file:///C:/Users/Diana/Downloads/MMUS_2018_DianaSilva_RelatorioProjeto.pdf.

Tétrault, J. (2003). *Airborne Pollutants in Museums, Galleries and Archives: Risk Assessment, Control Strategies and Preservation Management*. Ottawa: Canadian Conservation Institute.

Thomson, G. (1981). *The Museum Environment*. London: Butterworth.